

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.36367/ntqr.15.2022.e747>

Uma técnica parada no tempo? Mapeamento da produção científica baseada em análise de conteúdo na SciELO Brasil (2002-19)

Rafael Cardoso Sampaio, Diógenes Lycarião, Adriano Nervo Codato, Djiovanni Jonas França Marioto, Maiane Bittencourt, Bruno Washington Nichols

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.1913>

Submetido em: 2021-02-25

Postado em: 2021-03-01 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

Uma técnica parada no tempo? Mapeamento da produção científica baseada em análise de conteúdo na SciELO Brasil (2002-19)

A technique stuck in time? Mapping scientific production based on content analysis at SciELO Brazil (2002-19)

Rafael Cardoso Sampaio

Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Universidade Federal do Paraná

cardososampaio@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5176-173X>

Diógenes Lycarião

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Universidade Federal do Ceará

dramarc@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5176-173X>

Adriano Nervo Codato

Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Universidade Federal do Paraná

adrianocodato@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5015-4273>

Djiovanni Jonas França Marioto

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Universidade Federal do Paraná

djiovannimarioto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6485-5927>

Maiane Bittencourt

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Universidade Federal do Paraná

maiane.ctba@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5591-9143>

Bruno Washington Nichols

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Universidade Federal do Paraná

brunonichols@outlook.com

<https://orcid.org/0000-0002-8103-5066>

RESUMO: O artigo apresenta uma análise cientométrica de 3.484 artigos publicados entre 2002 e 2019 na base SciELO que fazem referência à análise de conteúdo (AC) em termos de número de publicação, periódicos e referências acionadas. Os resultados demonstraram que o colégio de Ciências da Vida apresenta não apenas o maior volume de trabalhos, mas também de heterogeneidade de referências. Esse resultado desafia estudos anteriores que destacavam as disciplinas das Ciências Humanas como lugar preferencial de utilização da técnica. Para isso, foi utilizada a análise de rede de cocitação através do VOSviewer e detectada uma grande predominância do manual de Laurence Bardin em todos os colégios observados. Esse resultado confirma achados de estudos anteriores, mas em uma escala e diversidade disciplinar inéditas. Argumentamos que essa concentração tende a revelar um flagrante descompasso entre o avanço da literatura especializada sobre a metodologia e seu respectivo uso pela comunidade científica brasileira, que pode estar sendo irrefletido e desatualizado.

Descritores: Métodos de Análise; Análise de Dados; Pesquisa Qualitativa.

ABSTRACT: The article presents a scientometric analysis of 3.484 articles published between 2002 and 2019 in the SciELO database that refer to content analysis (CA) in terms of the number of publications, journals, and cited references. The results showed that the Life Sciences college presents the highest volume of articles and the most heterogeneous bibliography. This result challenges the previous studies that highlighted Human Sciences disciplines as the preferred fields for using the technique. There was used the cocitation analysis network through the VOSviewer, and it was detected a high predominance of the Laurence Bardin's manual in all the colleges observed. This result confirms findings from previous studies, but on an unprecedented scale and disciplinary diversity. We argue that this concentration tends to reveal a flagrant gap between the advancement of specialized literature on the methodology and its respective use by the Brazilian scientific community, which may be thoughtless and outdated.

Descriptors: Analytical Methods; Data Analysis; Qualitative Research.

Introdução

A Análise de Conteúdo (AC) é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos. É uma das poucas técnicas de pesquisa científica que é considerada tanto qualitativa¹⁻³ quanto quantitativa^{4,5}, assumindo, portanto, para certos pesquisadores, como Bauer⁶, Gondim e Bendassoli⁷, Krippendorff⁸, e Quadros, Assmann e Lopez⁹, um caráter híbrido.

Exatamente por sua alta flexibilidade, por sua capacidade de adaptação às necessidades do pesquisador e por sua relativamente baixa curva de aprendizado, a AC apresenta alta capilaridade na pesquisa acadêmica brasileira e é usada nas mais diversas áreas não apenas de ciências da vida, notadamente, em educação física, enfermagem, e saúde coletiva, como também de humanidades, a exemplo de administração, ciência política, ciências contábeis, comunicação, educação, psicologia, sociologia, dentre outros.

Essa notável difusão pela ciência brasileira já levou diversos pesquisadores a investigarem o uso da análise de conteúdo em suas áreas de atuação. Os estudos anteriores que mapearam o uso da AC apontam as características e também mostram diversos problemas na utilização da metodologia.

Alves¹⁰ verificou que, na base de dados ProQuest entre 2001 e 2010, na área de Contabilidade, nos 51 trabalhos encontrados, nem sempre é possível identificar a seleção da unidade de análise do estudo. Castro, Abs e Sierra¹¹, por sua vez, observaram, nos 83 artigos de 6 periódicos indexados na base SciELO (Psicologia), que, via de regra, os trabalhos não oferecem descrição de nenhuma das operações de AC, tais como critérios de organização, indicadores e procedimentos de inferência. Problemas dessa natureza também foram encontrados por Deslandes e Iriart¹². Nos 266 artigos da área de Ciências Sociais e Humanas em Saúde analisados (entre os anos 2009-2010), 113 usaram a “análise de conteúdo”, sobretudo a análise temática, porém não desenvolveram, de forma adequada, as categorias de análise.

Quadros et al⁹, por sua vez, analisaram 613 trabalhos (476 dissertações e 137 teses) e mostraram que 57 trabalhos utilizaram a AC (52 dissertações e 5 teses). Os autores identificaram ainda que 21 trabalharam apenas com a técnica, enquanto 36 empregaram a AC combinadas a outras técnicas. Dal-Soto e Ballin Suzin¹³ buscaram avaliar o uso da AC na área de Gestão Estratégica. Os artigos, que chegaram a 25 após checagem manual, foram buscados

na base EBSCO, entre 2005 e 2014. Nas análises, os autores concluíram que a maioria desses artigos apresentou confirmatórias quantitativas.

Martinez e Pessoni¹⁴ examinaram a análise de conteúdo na base de artigos do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) entre 1996 e 2012, chegando a identificar 20 artigos sobre a técnica. Os autores concluíram que há um uso recorrente de várias edições de “análise de conteúdo” de Bardin¹⁵, verificando o uso das edições de 1977, 1986 (versão em espanhol), 1988, 2002, 2004, 2009. Tal uso é justificado por se tratar de uma obra “muito bem escrita e fácil de usar” (p. 302), sendo que a versão original de 1977 é extensamente a mais utilizada, o que, para os autores, indica a falta de prática de atualizar os acervos de edições por partes das bibliotecas (p. 305).

Seramim e Walter¹⁶ buscaram, por sua vez, caracterizar os trabalhos que fizeram uso da análise de conteúdo seguindo os preceitos de Laurence Bardin¹⁵. Ao pesquisarem 52 trabalhos publicados em periódicos brasileiros entre 1997 e 2015 nas bases *Scientific Periodicals Eletronic Library* (SPELL) e SciELO, os autores encontraram referências a 13 edições diferentes do livro de Bardin¹⁵, nomeadamente 1977, 1979, 1991, 1997, 2000, 2002, 2004, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2011; de todas as edições, maior parte das citações se referia à original de 1977 (n=19). Ao analisar a qualidade dos artigos, Seramim e Walter¹⁶ indicaram que 75% não deixavam claras as etapas definidas por Bardin¹⁵, sendo que 18 artigos apenas citam que utilizaram AC, “mas não é possível identificar como o método foi aplicado no contexto do trabalho” (p. 262).

Silva, Cunha, Gaspari e Moura¹⁷ analisaram 31 artigos publicados em diferentes eventos promovidos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD) de 1998 a 2012. Os autores relataram que havia uma aparente falta de preparação dos pesquisados no uso da técnica, uma vez que, do corpus analisado, apenas dois papers realmente a aplicavam de forma plena.

Nascimento, Cabral, Cavalcanti, Resende e Lazzarotti Filho¹⁸ buscaram por artigos científicos veiculados em periódicos avaliados no ranking Qualis CAPES da Educação Física brasileira, entre 2007 e 2017, alcançando 222 artigos após a filtragem manual. No caso, apenas 21,6% dos artigos disseram utilizar a AC, o que não foi confirmado em nenhuma apresentação. Ao mesmo tempo, apenas 21,2% evidenciaram maior profundidade no uso dessa técnica, dispondo unidades de registro, contexto, categorias e inferências, por exemplo.

Bastos et al¹⁹ realizaram uma pesquisa bibliométrica sobre AC e análise de discurso (AD) na Administração. Ao verificar o banco de dados da SciELO (1997-2015) e tratar pela

área de “gerenciamento”, encontraram 220 artigos sobre AC e 120 sobre AD, o que aponta para um crescimento do uso de ambas as técnicas nas diferentes subáreas da Administração.

Em 40 artigos analisados, Gomes et al²⁰, numa pesquisa bibliográfica que compreendeu o período de 2016 e 2017 nas bases da SciELO e dos Anais da Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Administração (ANPAD), indicaram que os trabalhos analisados não seguiram adequadamente os preceitos de Bardin¹⁵ em termos do rigor da objetividade e de melhor interpretação dos dados.

Palmeira, Cordeiro e Do Prado²¹, por sua vez, fizeram um amplo levantamento do uso da técnica entre 2015 e 2019, nas bases SciELO, Portal da Capes de periódicos e BDTD. Na Coleção SciELO, foram encontrados 240 artigos em todas as áreas do conhecimento; desse total, 35 pesquisas pertenciam à área da Educação. Já no portal do periódico da Capes, a pesquisa revelou 549 entradas, 161 da área da Educação. Segundo os autores²¹, a análise de conteúdo assume 1/3 das pesquisas da área de Educação. Finalmente, no BDTD, foram encontradas 2033 teses ou dissertações que fazem uso da AC, 152 da Educação. Desta maneira, os autores²¹ concluíram que a área de Educação é a que mais usa a AC em suas pesquisas, ao menos no período verificado.

Por sua vez, a pesquisa de Marialva Barbosa²² não busca verificar especificamente o uso da AC, mas sim os métodos e objetos predominantes na área de Comunicação. Para tanto, a pesquisa verifica 109 teses defendidas no ano de 2017 em 11 programas de pós-graduação na área com nota 5 ou superior, concluindo que 23 fazem análises textuais (i.e., análise de discurso, análise de conteúdo ou análise de narrativas). Em especial, interessa destacar que Barbosa²² é uma das poucas a criticar o uso ininterrupto do manual de Bardin¹⁵ da década de 70 até os dias atuais. Para a autora, a análise de conteúdo é engessada e ultrapassada.

Diversos estudos aqui revisados identificaram uma predominância de Bardin¹⁵ como autora mais citada da técnica^{9, 11, 14, 17}. Não obstante, esses levantamentos confirmam que grande parte dos trabalhos não segue o método proposto pela autora, não indicando, por exemplo, as unidades de registro, fases do processo de codificação ou contexto utilizados.

Essa revisão narrativa dos estudos sobre artigos que fizeram uso da análise de conteúdo permite algumas conclusões, a saber: 1) quase todas as pesquisas restringiram-se a analisar apenas suas áreas de origem (com a exceção de Deslandes e Iriart¹², e Palmeira et al²¹); conseqüentemente, 2) lidaram com um N baixo de artigos (novamente, exceto Deslandes e Iriart¹², e Palmeira et al²¹); 3) identificaram uma predominância de Laurence Bardin¹⁵ como a principal autora da AC brasileira; e 4) a maior parte das aplicações de análise de conteúdo na pesquisa brasileira é incompleta e/ou de baixa qualidade e rigor científico.

Este artigo busca justamente lançar luz sobre os três primeiros aspectos por meio de um amplo mapeamento da produção científica brasileira, que emprega a análise de conteúdo, de uma verificação de toda a produção disponível na base SciELO Brasil através da Web of Science (n=3.484), de 2002 a 2019, e de uma análise de redes de cocitação de periódicos e obras nos colégios da ciência da vida e das humanidades (conforme classificação da CAPES) com apoio dos softwares Microsoft Excel, IBM SPSS e Vosviewer.

Trata-se do primeiro artigo de um amplo projeto que busca uma discussão epistemológica e metodológica no uso da AC na pesquisa brasileira. Consoante Barbosa²², consideramos como problemático o uso de um mesmo manual desde a década de 70. À exemplo de Gondim, Bendassoli⁷, acreditamos que a AC esteja sendo usada de modo não crítico, frequentemente tomada como um recurso *ad hoc* nas pesquisas, desconectada de teorias robustas e de uma compreensão da natureza do fenômeno investigado, havendo espaço para maior reflexão sobre questões epistemológicas. Ademais, seguindo a crítica de Silva et al¹⁷, julgamos que o uso não qualificado da técnica pode gerar sérias perdas em termos de credibilidade dos estudos e da própria legitimidade da técnica. Não obstante, ao contrário do observado em estudos anteriores, questionamos a adequabilidade da obra de Laurence Bardin¹⁵ tendo em vista o desenvolvimento e o aperfeiçoamento tanto teóricos quanto metodológicos da AC desde a primeira publicação do manual (1977) e sua última revisão (1987).

Métodos

A fonte de dados desta pesquisa foi a *SciELO Citation Index*, indexada na *Web of Science* (WoS). A opção por essa base se deu pelos critérios exigidos para que um periódico seja indexado na coleção. A seleção por pares especializados e sua periodicidade de publicação é um dos critérios que configuram a maior confiança em utilizar seus dados, o que geralmente possibilita que os artigos mais qualificados de cada área sejam publicizados.

Conforme os estudos já apresentados, o uso exclusivo da expressão “análise de conteúdo” parece ser suficiente para detectar a utilização da técnica, especialmente no campo “tópico” no mecanismo de busca da WoS, que considera título, resumo e palavras-chave, todavia optamos por também incluir a expressão “análise do conteúdo”. Foram retiradas as expressões “estômago” e “estomacal”, que geraram pesquisas de outras naturezas.

Foram extraídos os metadados de artigos científicos selecionados pela string "*análise de conteúdo*" OR "*análise do conteúdo*" AND NOT (*estômago* OR *estomacal*) em tópico. Após essa primeira classificação, aplicamos os filtros da Web of Science *research article* e *SciELO Brasil, Brazil* entre 2002 e 2019, gerando 3.718 referências. A coleta foi realizada em 29 de

novembro de 2020. A limpeza de referências duplicatas foi realizada no Excel e no SPSS em duas etapas. Inicialmente, foram descartados 24 artigos com títulos idênticos, restando, então, 3.694 linhas. Na segunda etapa, as duplicatas foram eliminadas pela checagem do D.O.I repetido, representando na exclusão de mais 166 referências, restando o subtotal de 3.528 casos. Finalmente, todos os títulos e resumos foram lidos e 44 referências foram descartadas após conferência manual dos autores por não tratarem de Análise de Conteúdo. Portanto, ao final do processo de limpeza do banco de dados, o N válido passou a ser composto por 3.484 referências.

Um processo de classificação externa desses dados foi aplicado na própria base da WoS. Ao utilizar as áreas de classificação da CAPES, filtramos as áreas que a SciELO Brasil oferece para aplicar o método comparativo. O primeiro colégio (colégio de ciências da vida) contou com 2.087 artigos (59.9%). O segundo (colégio de humanidades) com 1.211 (34.8%) e o último (colégio de ciências exatas, tecnológicas e multidisciplinares) com 186 (5.3%). Quando um filtro (uma área) do WoS apareceu em mais de um dos colégios, aplicamos o critério Qualis-mãe como desempate, em que o maior número de estudos de um colégio foi o que obteve a classificação. Dessa forma, a classificação pelos colégios da CAPES possibilitou compreender as diferenças entre os dois primeiros colégios, enquanto o terceiro não foi analisado pelo baixo número relativo de artigos presentes.

As categorias classificadas em “colégio de ciências da vida” foram: nursing; public environmental occupational health; health care sciences services; health policy services; rehabilitation; geriatrics gerontology; medical ethics; pediatrics; nutrition dietetics; orthopedics; physiology; psychiatry; medicine general internal; audiology speech language pathology; dentistry oral surgery medicine; clinical neurology; gastroenterology hepatology; surgery; critical care medicine; environmental studies; neurosciences; acoustics; anesthesiology; obstetrics gynecology; pharmacology pharmacy; hematology; medicine research experimental; veterinary sciences; agronomy; biology; ophthalmology; parasitology; zoology; biodiversity conservation; cardiac cardiovascular systems; rheumatology; tropical medicine.

As categorias classificadas em colégio de humanidades foram: education educational research; management; psychology multidisciplinar; sociology; sport sciences; psychology social; psychology educational; psychology; education scientific disciplines; public administration; education special; communication; social sciences; interdisciplinar; ethics; political Science; social issues; business finance; history philosophy of Science; psychology clinical; agricultural economics policy; language linguistics; law; women's studies; business; family studies; geography; social work; urban studies; linguistics; planning development;

cultural studies; water resources; anthropology; art; geography physical; history; humanities multidisciplinary; international relations; literature german dutch scandinavian; literature romance; literature romance; psychology psychoanalysis.

As categorias classificadas em colégio de ciências exatas, tecnológicas e multidisciplinares foram: physics multidisciplinary; information science library Science; engineering manufacturing; computer science information systems; metallurgy metallurgical engineering; construction building technology; engineering civil; engineering environmental; materials science ceramics; materials science multidisciplinary.

Após esse processo de classificação, os metadados foram separados em quatro conjuntos de dados: (1) dados gerais, com todos os colégios; (2) separados pelos três colégios. Esses dados foram analisados no Excel e no SPSS para avaliar frequência e no VOSviewer para análises bibliométricas.

Verificamos ano de publicação dos artigos, periódicos, autores e instituições dos autores. Também utilizamos dois mapeamentos bibliográficos, nomeadamente: (1) *cited sources citation network*, para verificar os periódicos com maior presença entre os documentos e suas redes de organização; (2) *cited references co-citation network*, para perceber quais as obras mais cocitadas nos artigos, fazendo uso do VOSviewer versão 1.6.16.²³

Como se tratam de artigos sobre os mais diversos temas e objetos, a única conexão entre eles é assumidamente o uso da análise de conteúdo. Portanto, as referências mais cocitadas tendem a ser aquelas conectadas à aplicação da técnica²³. Conforme Grácio²⁴, a cocitação identifica a ligação ou semelhança de dois documentos citados pela frequência de ocorrência conjunta em uma lista de referências posterior de autores citantes. Ao se verificar a cocitação, evidencia-se o grau de associação entre pares de documentos conforme a compreensão da comunidade científica, que se apropria do conteúdo e estabelece as conexões. Portanto, se dois autores ou documentos são citados juntos, em pesquisa posterior, há proximidade conceitual, temática ou metodológica entre os citados na avaliação do autor citante, sendo provável que estejam relacionados em termos de conteúdo (p.98-99). Este estudo não apresentará o estudo das cocitações em si, mas apenas o *mapa das redes de cocitações* geradas pelo VOSviewer, que considera as distâncias presentes nos mapas como a força existente nas relações analisadas. Por outro lado, para os periódicos notou-se que a rede de citações recíprocas era o suficiente para a organização do campo, já que as temáticas e autores compartilhados pelos artigos tendem a não ser sobre a análise de conteúdo em si. As redes de cocitação também tendiam a incluir periódicos internacionais, fugindo do escopo do que se deseja representar aqui.

Resultados

Ao realizar a classificação dos artigos transformando as áreas da Web of Science para a classificação das áreas da CAPES, vimos que, na verdade, colégio de ciências da vida (n=2.087) aparece em primeiro lugar, seguido pelo colégio de humanidades (n= 1.211) e de ciências exatas, tecnológicas e multidisciplinares (n=186). Como já elencado, há uma pequena diferença entre os totais parciais dos três colégios e a coleta geral da SciELO, o que se justifica pela sobreposição da classificação dos artigos em áreas consideravelmente distintas pela Web of Science. A figura 1 mostra a trajetória longitudinal das publicações sobre AC no Brasil, bem como as 5 revistas mais populares nos dois colégios válidos para esta análise. Através dos dados, é possível evidenciar o crescimento constante das publicações envolvendo análise de conteúdo no Brasil, denotando as diferenças entre os colégios analisados.

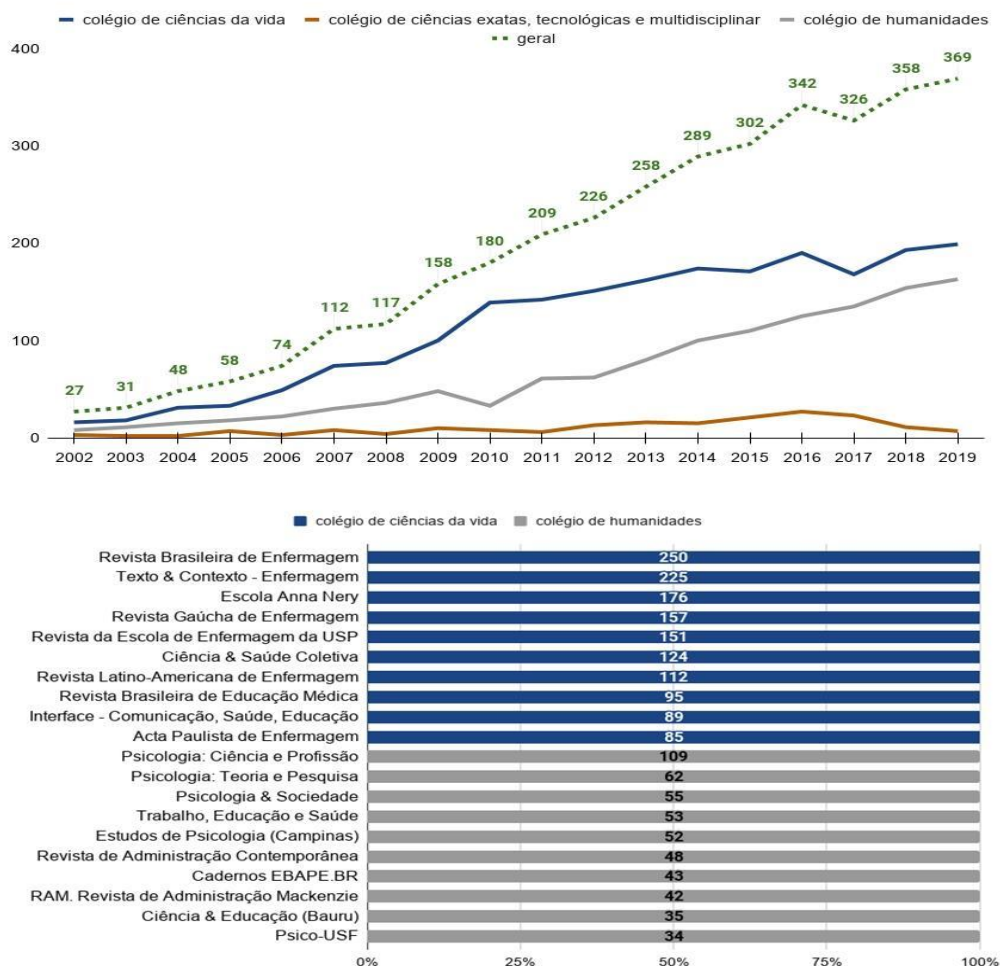


Figura 1 Quantidade de artigos publicados por ano e top 10 revistas mais populares por colégio

A figura 1 contém os dados sobre as dez revistas mais populares estratificadas para os colégios ciências da vida e humanidades, respectivamente. A análise dos dados permite a conclusão de que há notável destaque aos periódicos de Enfermagem, com proeminência para

Conforme o software, formam-se cinco clusters principais. O cluster 1 com 17 itens é formado essencialmente por revistas da área de Psicologia (10 itens), sendo o restante dividido entre periódicos na interface entre Educação e Saúde. O cluster 2 também com 17 itens é basicamente constituído por periódicos na área de Saúde Coletiva (10 itens). Já o cluster 3 com 13 itens é composto fundamentalmente por revistas de Enfermagem (10 itens). Por sua vez, o cluster 4 apresenta nove itens no total, sendo todos da área de Administração Pública e de empresas, Ciências Contábeis e Turismo. Finalmente, o cluster 5 é o mais misto de todos, formado por quatro periódicos, sendo dois de Educação, um de saúde coletiva e um de Comunicação.

Por sua vez, a Figura 3 evidencia as referências mais cocitadas nos colégios de ciências da vida e humanidades, respectivamente, baseados em arquivos de textos divididos por cada colégio conforme a divisão já especificada na sessão anterior. Para termos de replicabilidade, em ambos utilizamos os seguintes parâmetros: *type of analysis: co-citation, unity of analysis: cited references, counting method: full counting*, método de normalização *LinLog/Modularity*, e *weights: citations*. Para permitir um número aproximado de referências em ambos os mapas, no colégio de ciências da vida usamos número mínimo de citações de uma referência citada como 15, o que gerou 63 referências, sendo que mantivemos apenas referências a livros, capítulos, papers e artigos (foram descartadas referências a documentos, jornais e leis, como diário oficial da união, constituição federal, resoluções, anais sem referência completa). Para o mapa, *attraction: 2, repulsion: -0*. Para o colégio de humanidades, a única diferença para a geração do mapa foi no número mínimo de citações de uma referência citada: 10, o que gerou 67 referências, que foram limpas da mesma maneira.

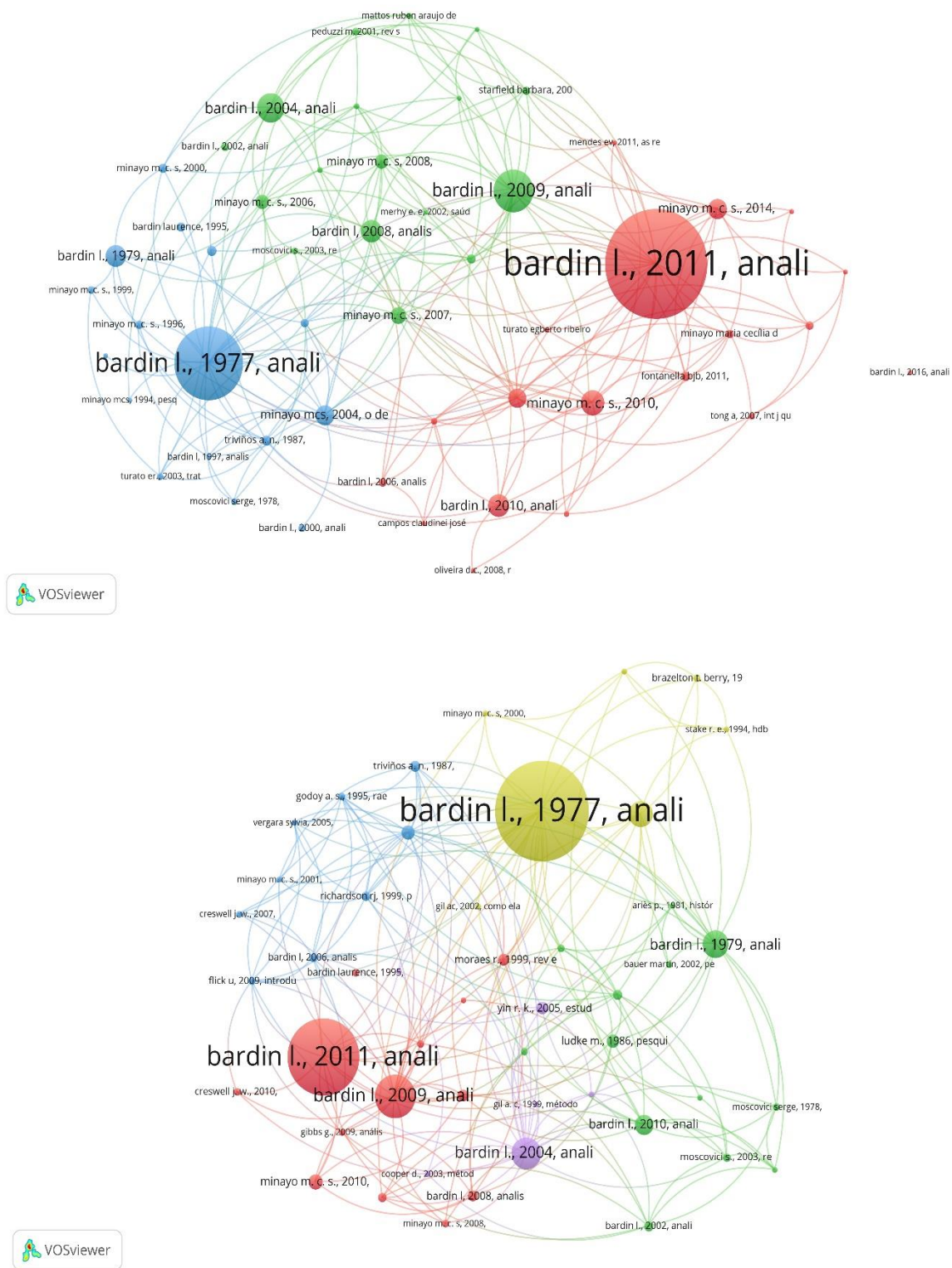


Figura 3 Grafo da rede de cocitações de Ciências da vida (15 citações) e Grafo da rede de cocitações de Humanidades (10 citações)

Fica notável, pelos grafos, que as várias edições de Bardin¹⁵ são vastamente utilizadas nas áreas dos dois colégios. No colégio de ciências da vida, formam-se três clusters principais.

No primeiro cluster vermelho, de 19 itens, quatro são versões de manuais de Bardin (2006, 2010, 2011, 2016), outras três de versões do manual de análise qualitativa de saúde de Minayo³ (além de outros três textos da autora), complementadas por ligações com Campos, Fontanella et al, Oliveira, Mendes Turato. O segundo cluster verde apresenta 17 itens, sendo quatro referências ao manual de Bardin (2002, 2004, 2008, 2009) e três ao manual de Minayo³, completadas por citações a Campos, Ceccim, Machado, Mattos, Merhy, Moscovici, Peduzzi, Starfield e Yin. No terceiro cluster azul, o mais concentrado, temos 16 itens, sendo cinco as referências a edições da obra de Bardin (1977, 1979, 1995, 1997, 2000) e outras cinco para Minayo³, seguidas de Ludke, Moscovici, Triviños, Turato, Polit e Hugler.

Nas humanidades, temos cinco clusters principais, o primeiro vermelho mais amplo conta com 13 itens, sendo quatro edições de Bardin (1995, 2008, 2009 e 2011), duas edições do manual de Minayo³ e referências a textos de Barney, Creswell, Fontanella et al, Gibbs, Gil, Moraes e Yin. O segundo verde formado por 12 referências, cinco edições de Bardin (1979, 1994, 2000, 2002, 2010), duas edições de Minayo³ e textos de Bauer, Bogdan, Franco, Ludke, Moscovici e Sá. O terceiro cluster azul é composto por 9 elementos, com uma edição de Bardin (2006) e uma de Minayo³, complementado por Creswell, Flick, Godoy, Richardson, Triviños, Vergara e Yin. Enquanto o quarto cluster (amarelo) composto por sete itens apresenta apenas uma versão do manual de Bardin (1977) e uma versão de Minayo³, concluídos por textos de Brazelton, Gil, Laville e Dione e Stake. Finalmente, o quinto cluster em roxo possui seis itens, sendo uma edição de Bardin (2004) e textos de Cooper, Eisenhard, Gil, Godoy, Yin.

Quadro 1 referências mais citadas por colégio

Ciências da vida	N	Humanidades	N
bardin l, 2011, análise de conteúdo	356	bardin l, 1977, análise de conteúdo	186
bardin l, 1977, análise de conteúdo	237	bardin l, 2011, análise de conteúdo	141
bardin l, 2009, análise conteúdo	135	bardin l, 2009, análise de conteúdo	78
bardin l, 2004, análise de conteúdo	93	bardin l, 2004, análise de conteúdo	57
minayo mcs, 2010, o desafio do conhecimento	78	bardin l, 1979, análise de conteúdo	50
bardin l, 2008, análise de conteúdo	72	laville c, dionne j, 1999, a construção do saber	47
bardin l, 2010, análise de conteúdo	72	bardin l, 2010, análise de conteúdo	36
bardin l, 1979, análise de conteúdo	67	minayo mcs, 2010, o desafio do conhecimento	27
minayo mcs, 2014, o desafio do conhecimento	63	yin rk, 2001, estudo de caso	26

minayo mcs, 2004, o desafio do conhecimento	62	ludke m, 1986, pesquisa em educação	24
fontanella bjb, janete r, turato eg, 2008, cad. saúde pública	60	yin rk, 2005, estudo de caso	22
minayo mcs, 2007, o desafio do conhecimento	52	fontanella bjb, janete r, turato eg, 2008, cad. saúde pública	21
minayo mcs, 2008, o desafio do conhecimento	45	moraes r, 1999, rev. educação porto	21
minayo mcs, 2006, o desafio do conhecimento	44	bardin l, 2008, análise de conteúdo	20
polit df, hungler bp, 2004, fundamentos de pesquisa em enfermagem	31	triviños an, 1987, introdução em pesquisa em ciências sociais	19
triviños an, 1987, introdução em pesquisa em ciências sociais	31	bardin l, 2000, análise de conteúdo	18
bardin l, 1995, análise de conteúdo	30	bardin l, 2002, análise de conteúdo	18
minayo mcs, 2000, o desafio do conhecimento	29	richardson rj, 1999, pesquisa social	16
fontanella bjb, luchesi bm, saidel mgb, ricas j, turato er, melo dg, 2011, cad. saúde pública	28	yin rk, 2010, estudo de caso	16
yin rk, 2005, estudo de caso	28	bardin l, 2006, análise de conteúdo	15

Fonte: elaboração própria com base em Vosviewer

Conforme evidenciado na figura 3 e no quadro 1, confirmam-se os achados de Martinez e Pessoni¹⁴ e Seramim e Walter¹⁶: diversas edições de Bardin¹⁵ são reiteradamente citadas na análise de conteúdo brasileiro. Olhando-se para o top 20 mais citados de cada colégio, em Ciências da Vida, são 8 diferentes edições utilizadas, enquanto em humanidades são 10 edições diferentes. Por outro lado, naquele colégio vemos uma segunda concentração com sete edições do manual de análise qualitativa de Minayo³. Olhando-se apenas para as citações, vemos referências específicas da área, como Fontanella, Janete e Turato, Fontanella et al, Polit e Hungler e também mais genéricas, como Triviños e Yin. Por sua vez, em humanidades, apesar da concentração maior de Bardin¹⁵, nenhum outro manual ou referência domina o restante do top 20 e vemos várias outras referências mais generalistas de aplicação da técnica e/ou de epistemologia, como Laville e Dionne, Ludke, Moraes, Triviños, Richardson, Yin, além de Fontanella, Janete e Turato. Logo, o que provavelmente justifica a concentração vista nos grafos em humanidades está no fato de Bardin ser cocitada em maior frequência, dominando as ligações e consequentemente os clusters.

Por último, verificando-se em conjunto os dados do grafo presente na figura 3 e do quadro 1, nota-se a quase completa ausência de manuais especializados em análise de conteúdo, para além de Bardin. O mais perceptível é o uso de obras mais gerais sobre métodos qualitativos

e/ou metodologia científica. Consequentemente, constata-se um uso vultoso de materiais acadêmicos exclusivamente disponíveis em português.

Discussão

Quando olhamos apenas para os dados longitudinais, apresentados na figura 1, percebe-se que a utilização da análise de conteúdo mantém uma tendência de crescimento tanto na produção qualificada existente na base SciELO no geral quanto nos dois colégios analisados. Na comparação entre os colégios, percebe-se que os dois parecem seguir tendências e níveis de produção similares, não existindo diferenças significativas. Portanto, é possível afirmar que a AC mantém uma trajetória ascendente na pesquisa da SciELO.

Com base nos estudos já realizados, a pesquisa mais abrangente sobre o estado da arte da análise de conteúdo na ciência brasileira foi realizada por Palmeira et al²¹, que apontaram a área de Educação como a predominante no uso da técnica. Porém, as autoras também levaram em conta a produção de teses e dissertações. Em termos de artigos científicos publicados na SciELO, nossos dados não confirmam isso, apresentando o colégio de ciências da vida como preponderante, notadamente com forte presença dos pesquisadores do campo da Enfermagem. Esse resultado é reforçado não apenas pelo volume do colégio de ciências da vida, superior ao de humanidades, mas também pela maior presença de artigos sobre AC em revistas de Enfermagem. Na verdade, ao menos neste momento, os dados também apontam que são os periódicos de Psicologia aqueles com maior produção e maior centralidade nas humanidades. Esse resultado nos soa como esperado devido ao grande volume de publicação das revistas de saúde coletiva e enfermagem em comparação às revistas de humanidades na base SciELO. Tratam-se também de áreas maiores em termos de números de pesquisadores na ciência brasileira. Porém, deve-se ressaltar que a) a análise de conteúdo, enquanto técnica, nasceu ligada a pesquisas de humanidades, no geral, e de comunicação política, em específico, e b) tomando-se apenas os artigos científicos, não havia resultados anteriores que evidenciassem essa preponderância do colégio de ciências da vida.

Agora, o resultado mais singular (apesar de não surpreendente) está na presença massiva de diferentes versões do Manual de Laurence Bardin¹⁵. Não se trata de um achado surpreendente, pois várias pesquisas anteriores já ressaltaram Bardin como a principal referência brasileira sobre AC^{9, 11, 14, 16, 18, 20}. Não obstante, nenhuma das pesquisas anteriores fez uma verificação das redes de citações dos artigos verificados. Ao fazê-lo, percebe-se que Bardin¹⁵ não é apenas a autora principal, mas sua obra domina, de maneira atípica, a produção sobre a análise de conteúdo no Brasil. Nos grafos dos dois colégios analisados, os clusters são

majoritariamente formados por diferentes versões do mesmo manual da autora. A situação parece um pouco menos homogênea no colégio de ciências da vida, no qual diferentes trabalhos de Minayo³ e outros autores tendem a ser mais acionados e formar seus próprios clusters de cocitação (apesar de invariavelmente tender a existir alguma referência a Bardin¹⁵ em seu interior). Por outro lado, no caso do colégio de humanidades, a condição nos parece ainda mais homogênea, uma vez que a preponderância de Bardin¹⁵ é ainda maior, ou seja, é o centro dos clusters verificados.

Chama-nos especial atenção como essa hegemonia de Bardin¹⁵ tem sido identificada nos diferentes estudos, mas naturalizada e, em certa medida, até valorizada, uma vez que certos artigos ainda buscam avaliar a qualidade da AC baseados exclusivamente nas definições de Bardin^{16,20} ou só procurar e analisar artigos de AC que tenham se baseado no método da autora²¹.

Primeiramente, é preciso considerar que o manual de Bardin¹⁵ foi publicado em 1977 e apenas atualizado uma vez em 1987, segundo a própria Bardin¹⁵ (p. 135), não refletindo as discussões metodológicas e epistemológicas dos últimos 30 anos²², a exemplo da eminente discussão sobre o teste de confiabilidade entre codificadores²⁵, isso para não mencionar todas as mudanças tecnológicas (e.g. advento e consolidação da internet, softwares de análise de conteúdo etc.) que permitem atualmente procedimentos mais responsivos aos princípios da credibilidade, transparência e da replicabilidade.

Dito de outra forma, há, em nossa visão, para além de uma diminuta variedade de autores e perspectivas metodológicas na análise de conteúdo brasileira, uma flagrante estagnação da mesa. Isso porque, tal como a literatura especializada demonstra^{4-6, 8, 25-27}, essa metodologia tem sido aperfeiçoada, com adição de procedimentos mais rigorosos ao escrutínio científico e mais responsivos aos seus princípios epistemológicos, nomeadamente, os de validade, replicabilidade e confiabilidade.

Em segundo lugar, defendemos que a excessiva presença de apenas um manual metodológico é nociva em termos de ecologia metodológica, podendo levar a um “ciclo vicioso” em termos de seus problemas e limitações. Durante a leitura dos artigos metodológicos que compõem o corpus da pesquisa, a impressão inicial é que eles também ensinam a aplicar a análise de conteúdo seguindo os passos indicados por Bardin¹⁵, algo já notado em algumas obras sobre AC e/ou sobre análise de dados qualitativos que sugerem o uso da AC, que também ou se baseiam fortemente em Bardin¹⁵ ou indicam seus procedimentos como uma das principais formas de se aplicar a técnica^{2, 3, 28-34}, algo que pode ser visto reproduzido em diversas pesquisas presentes em coletâneas específicas sobre análise de conteúdo^{35, 36}.

É nossa intenção verificar empiricamente se isso, de fato, ocorre, todavia, em caso positivo, poderemos afirmar que o analista de conteúdo brasileiro ou usa Bardin¹⁵ ou faz uso de autores que também se baseiam fortemente em Bardin¹⁵, retroalimentando o uso de um mesmo manual de aprendizado para a técnica, o qual, por sua vez, não tem sido atualizado nem reformulado de modo a acompanhar o aperfeiçoamento encontrado na literatura especializada. Não existe, até onde nos consta, uma discussão epistemológica e principalmente metodológica vibrante a respeito dos diferentes usos e das inovações possíveis na técnica na pesquisa brasileira. Praticamente, não há, inclusive, artigos questionando a atualidade ou qualidade do manual de Bardin¹⁵. Só a título de exemplo, Sampaio e Lycarião²⁵ alertaram que Bardin¹⁵ não trata de maneira suficientemente didática a questão da elaboração de um livro de códigos para AC, assim como a necessidade candente de testes de confiabilidade entre codificadores para AC quantitativas e alternativas de verificação de confiabilidade para AC qualitativas, questões cada vez mais exigidas nos principais periódicos de alto impacto pelo mundo³⁷. Barbosa²², em sua crítica à análise de conteúdo clássica, considera que a técnica engessa a pesquisa como um todo e que análises de narrativas, que tenham o contexto e a linguagem em vista, podem ser mais proíferas.

Todo este cenário parece apontar para o que aqui compreendemos como um descompasso entre o aperfeiçoamento da metodologia e sua respectiva aplicação. Se, desde 1977, em seu lançamento oficial, os analistas de conteúdo brasileiros continuam fazendo uso do mesmo conjunto de técnicas de pesquisa, conforme já denunciado por Barbosa²², há grandes chances que a técnica não esteja passando por grandes melhorias ou inovações, não importando a qualidade do manual em si. Nossos dados também indicam que diversos outros manuais metodológicos utilizados em conjunto da supracitada obra ou são gerais sobre métodos qualitativos ou mesmo ainda mais genéricos sobre metodologia científica, sendo que os dados de referências mais citadas e de redes de citação não indicam a presença de materiais especializados em outras línguas.

Na prática, como já denotado por Gondim, Bendassoli⁷, a análise de conteúdo parece estar sendo utilizada de forma não crítica e *ad hoc*. Diferimos, portanto, apenas da avaliação final de Barbosa²⁴. Não é que a análise de conteúdo como técnica em si esteja ultrapassada. Talvez o que esteja desatualizado seja a discussão metodológica, em nível mais amplo, e os próprios manuais, no sentido mais específico.

Além disso, como a análise de conteúdo é vista como uma das formas de se analisar os dados de pesquisas qualitativas^{13, 29, 38} denotamos que a estagnação metodológica pode, no limite, também estar atingindo a aplicação de métodos qualitativos como um todo no país.

Enquanto nossos dados são insuficientes para tal afirmação, a pesquisa cientométrica de Antonio Brasil Júnior e Lucas Carvalho³⁹ sobre toda a produção científica do colégio de humanidades presentes na SciELO aponta que tal possibilidade pode estar ocorrendo, uma vez que a obra de Bardin¹⁵ é uma das mais centrais em toda a área de humanas.

Conclusão

Este artigo realizou um mapeamento da produção científica brasileira que fez uso da técnica de análise de conteúdo entre 2002 e 2019, na base SciELO (n=3.484). A pesquisa apontou que o uso da técnica está não apenas em perceptível crescimento no período verificado, como também mais presente no colégio de ciências da vida que no colégio de humanidades, algo denotado pela produção em termos numéricos e também pelos periódicos que apresentaram maior produção.

Conforme pesquisas anteriores, a análise de redes de cocitação presente em nosso estudo demonstrou uma hegemonia de diferentes versões do manual de análise de conteúdo de Laurence Bardin¹⁵. Porém, esse fato foi amplamente desnaturalizado sob os argumentos de uma estagnação metodológica de toda a aplicação da técnica no Brasil (uma vez que o manual não tem sido atualizado em 1987). Essa estagnação seria difícil de romper por nosso argumento de um “ciclo vicioso” de que mesmo os artigos metodológicos mais recentes sobre análise de conteúdo continuam a ser fortemente baseados na abordagem de Bardin¹⁵, dificultando avanços na área.

A pesquisa é limitada por lidar apenas com artigos científicos presentes na base indexadora SciELO. A prevalência de artigos e periódicos dos colégios de ciências da vida poderá ser desafiada ou significativamente alterada se outras bases com mais revistas de humanidades forem avaliadas, a exemplo de DOAJ, Redalyc, Latinindex e SPELL. Qualitativamente, notamos que as citações pegadas na SciELO são consideravelmente diferentes das apresentadas no Google Scholar, por exemplo, então é preciso a ampliação do estudo para essas bases mais abrangentes para a verificação de possíveis mudanças. Conforme visto na pesquisa de Palmeira et al²¹, também podem existir alterações significativas ao se considerar trabalhos de conclusão de curso. Outra limitação importante da pesquisa é considerar o período completo do corpus como um todo, uma limitação do software cientométrico utilizado, o que dificulta a verificação de mudanças que podem estar ocorrendo. O software CiteSpace, por exemplo, é mais adequado para a verificação de padrões e tendências na literatura em termos longitudinais, todavia o mesmo não roda os dados da SciELO, mesmo aqueles gerados pela

WoS. Não obstante, e mesmo não sendo o objetivo do artigo em tela, nossos dados referentes aos últimos cinco anos não indicam, inicialmente, uma mudança brusca do cenário. Finalmente, nossa pesquisa não realiza uma efetiva análise de cocitação, conforme indicada por Grácio²⁴, que poderia indicar algumas diferenças pertinentes entre outros manuais que circulam cocitados em conjunto com Bardin e as diferenças existentes nos periódicos e colégios.

Futuras pesquisas podem testar nossas hipóteses em três aspectos principais. Em primeiro lugar, por meio de análises cientométricas do uso da AC em outros materiais, além de artigos (como dissertações e teses) e em outras bases indexadoras mais amplas que a SciELO. Em segundo lugar, por meio da verificação das referências de modo longitudinal e/ou apenas dos últimos anos para se testar se a prevalência de Bardin permanece ou não inalterada. E, em caso positivo, se há algum indicativo de tendência da inclusão de outros manuais. Em terceiro lugar, por meio da realização da avaliação da qualidade de aplicações de análise de conteúdo na pesquisa brasileira.

Referências

1. FLICK U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3a edição. Porto Alegre: Artmed editora; 2009.
2. Franco M. *Análise de conteúdo*. Brasília: Liber Livro Editora; 2008.
3. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14a edição. São Paulo: Hucitec editora; [2004]2014.
4. Carlomagno M, Rocha L. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política* 2016; 7(1): 173-188.
5. Neuendorf K. *The content analysis guidebook*. Londres: Sage; 2002.
6. BAUER M. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: Bauer M, Gaskell G, organizadores. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Editora Vozes; 2007. p. 189-217.
7. Gondim S, Bendassolli P. Uma crítica da utilização da análise de conteúdo qualitativa em psicologia. *Psicol. estud* 2014; 2(19): 191-199.
8. Krippendorff K. *Content analysis: an introduction to its methodology*. Londres: Sage; [1980] 2004.
9. Quadros M, Assmann G, Lopez, D. A análise de conteúdo nas pesquisas brasileiras em comunicação: aplicações e derivações do método. In: Barichello E, Rublescki A, organizadores. *Pesquisa em comunicação: olhares e abordagens*. Santa Maria: Facos – UFSM, 2014. p. 89-108.

10. Alves M. Análise de conteúdo: sua aplicação nas publicações de contabilidade. *Revista Universo Contábil* 2011; 3(7), 146-166.
11. Castro TG, Abs D, Sarriera JC. Análise de conteúdo em pesquisas de Psicologia. *Psicologia: ciência e profissão* 2011; 31(4), 814-825.
12. Deslandes SF, Iriart JAB. Usos teórico-metodológicos das pesquisas na área de Ciências Sociais e Humanas em Saúde. *Cadernos de Saúde Pública* 2012; 28: 2380-2386.
13. Dal-Soto F, Suzin JB. Práticas da análise de conteúdo no campo da gestão estratégica. *Revista de Administração da Unimep* 2017; 4(15): 24-45.
14. Martinez M, Pessoni A. Intercom: pesquisas feitas com o método (1996 a 2012). In: Jorge T, organizador. *Notícia em fragmentos: análise de conteúdo no jornalismo*. Florianópolis: Editora Insular; 2015. p. 299-319.
15. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil; [1977, 1979, 1994, 1995, 1997, 2000, 2002, 2004, 2006, 2008, 2009, 2010, 2011] 2016.
16. Seramim RJ, Walter SA. O que Bardin diz que os autores não mostram? Estudo das produções científicas brasileiras do período de 1997 a 2015. *Administração: Ensino e Pesquisa* 2017; 2(18): 271, 2017.
17. Silva A, Cunha D, Gaspary E, Moura G, Figueira K, Hörbe T. Análise de conteúdo: fazemos o que dizemos? Um levantamento de estudos que dizem adotar a técnica. *Conhecimento Interativo* 2017. 11: 168-184
18. Nascimento OA, Cabral DP, Cavalcante FR, Rezende, MS, Lazzarotti Filho A. Os usos da Análise de Conteúdo na produção científica da Educação Física brasileira. *CIAIQ2019* 2019; 1: 498-506.
19. Bastos MHR et al. Análise de discurso e Análise de Conteúdo: Um levantamento de suas aplicações nas ciências aplicadas membros da Administração. *Brazilian Journal of Development* 2019; 11(5): 26302-26322.
20. Gomes AF et al. As contribuições da Análise de Conteúdo e do Discurso para os estudos em Administração. *Revista Foco* 2020; 1(13): 146-170.
21. Palmeira LL, Cordeiro CPBS, Do Prado EC. A análise de conteúdo e sua importância como instrumento de interpretação dos dados qualitativos nas pesquisas educacionais. *Cadernos de Pós-graduação* 2020; 1(19): 14-31.
22. Barbosa M. *Comunicação e método: cenários e práticas de pesquisa*. Mauad Editora Ltda, 2020.
23. Van Eck N, Waltman L. Software survey: VOSviewer, a computer program for bibliometric mapping. *Scientometrics* 2010; 2(84): 523-538.
24. Grácio MCC. *Análises relacionais de citação para a identificação de domínios científicos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

25. Sampaio R, Lycarião D. Eu quero acreditar! Da importância, formas de uso e limites dos testes de confiabilidade na Análise de Conteúdo. *Revista de Sociologia e Política* 2018; 66(26): 31-47.
26. Graneheim UH, Lindgren B, Lundman B. Methodological challenges in qualitative content analysis: A discussion paper. *Nurse education today* 2017; 56: 29-34.
27. Elo S, Kyngäs H. The qualitative content analysis process. *Journal of advanced nursing* 2008; 62(1): 107-115.
28. Fonseca Júnior WC. Análise de conteúdo. In: Duarte J, Barros A, organizadores. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.
29. Gomes R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Minayo M, organizador. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* 2007; 26: 79-108.
30. Richardson RJ. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3a edição. São Paulo: Atlas; 2012.
31. Rodrigues MSP, Leopardi MT. *O método de análise de conteúdo: uma versão para enfermeiros*. Fortaleza: Fundação cearense de pesquisa e cultura; 1999.
32. Santos AM, Costa FS, Silva RS. Análise de conteúdo da perspectiva de Bardin: um procedimento organizado. In: Lima V, Ramos V, Paula M, organizadores. *Métodos de análise em pesquisa qualitativa: releituras atuais*. Porto Alegre: ediPUCRS; 2019. p. 169-186.
33. Triviños ANS. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas; 1997.
34. Vergara SC. *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas; 2005.
35. Jorge T. *Notícia em fragmentos: Análise de conteúdo no jornalismo*. Florianópolis: Editora Insular; 2015
36. Rodrigues MU, organizador. *Análise de conteúdo em pesquisas qualitativas na área de educação matemática*. Curitiba: Editora CRV; 2019.
37. Herscovitz H. 2007. Análise de conteúdo em jornalismo. In: Lago C, Benetti M, organizadores. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes; 2007
38. Taquette SR, Borges L. *Pesquisa qualitativa para todos*. Petrópolis: Vozes, 2020.
39. Brasil Jr A, Carvalho L. Por dentro das Ciências Humanas: um mapeamento semântico da área via base SciELO-Brasil (2002-2019). *Revista de Humanidades Digitales* 2020; 5: 149-183.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos integrantes do Laboratório de Análise do Campo Científico (LaCC) que ajudaram na elaboração e revisão crítica do artigo: Cristiane Sanchez, Murilo Brum, Nilton Kleina e Tiago Borges. Os autores ainda agradecem o professor Marcos Prado da UFAL por sua revisão crítica em uma versão anterior da pesquisa.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

RCS, DL e ANC participaram do delineamento da pesquisa, revisão de literatura, da análise e interpretação dos dados, da redação do artigo e de sua revisão crítica. DJFM, MB, BWN participaram da extração, limpeza e classificação dos dados da WOS/SciELO, filtragem manual, análise cientométrica, além da redação do artigo e de sua revisão crítica.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram para os devidos fins que não há conflitos de interesses pessoais, comerciais, acadêmicos, financeiros no manuscrito.